



## Experiência de leitura em voz alta e compartilhada em escola do campo

Por Mariana Cortez (Foz Iguazú, Brasil)

### Resumo

O projeto *Vivendo livros latino-americanos na tríplice fronteira* tem por objetivo verificar se a estruturação da biblioteca altera a relação dos docentes e discentes com a leitura literária nas Escola Municipal do Campo Brigadeiro Antonio Sampaio (Foz do Iguazú), Escuela 722 - Eduardo Horacio Arrabal (Puerto Iguazú) e Escuela 2979 - San Agustín (Ciudad del Este). Compreendeu-se que, além da estruturação do espaço, era necessário propor práticas de mediação de leitura literária que envolvessem os atores escolares na valorização dos livros e da leitura. A experiência de leitura apresentada neste relato faz parte dos desenvolvimentos do referido projeto e está delimitada à descrição da proposta de mediação de leitura literária realizada na Escola Municipal do Campo Brigadeiro Antonio Sampaio (EMCBAS) com 6 alunos diagnosticados pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) com dificuldades de aprendizagem. A descrição está fundamentada a partir dos estudos desenvolvidos por Colomer (2008) e Petit (2001), especificamente no que se refere à mediação de leitura literária e das ideias de práticas educativas e o sentido da aprendizagem formuladas por Freire (2005).

1

Palabras clave: *leitura- prácticas interculturais- livros infantis*



## 1. Apresentação do projeto

O Projeto *Vivendo livros latino-americanos na Tríplice fronteira*<sup>1</sup> teve início em 2014 como uma ação de extensão que se ampliou, rapidamente, para um projeto de pesquisa-ação, tendo em vista suas características e potencialidades. Inicialmente, seu objetivo foi conhecer os espaços destinados aos livros nas escolas públicas da tríplice fronteira e entender qual era a prática de leitura proposta pelos docentes. Foram, para isso, coletados registros fotográficos desses espaços e depoimentos dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A amostragem coletada se tornou um mapeamento da situação da biblioteca (espaço de leitura em sala de aula) e das práticas docentes de 4 escolas de cada uma das cidades da referida fronteira: Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Posteriormente a essa etapa, foi possível traçar novos objetivos e selecionar as escolas que fariam parte do Projeto: Escola Municipal do Campo Brigadeiro Antonio Sampaio (Foz do Iguaçu), Escuela 722 - Eduardo Horacio Arrabal (Puerto Iguazú) e Escuela 2979 - San Agustín (Ciudad del Este). O principal objetivo pretendido, a partir de então, foi verificar se a estruturação de uma biblioteca altera a relação dos docentes e discentes com a leitura literária, já que, nas escolas selecionadas, os livros estavam depositados em caixas nas salas de aulas. Para isso, entendeu-se necessário propor práticas de mediação de leitura literária que envolvessem docentes e discentes na valorização do espaço dos livros e da leitura.

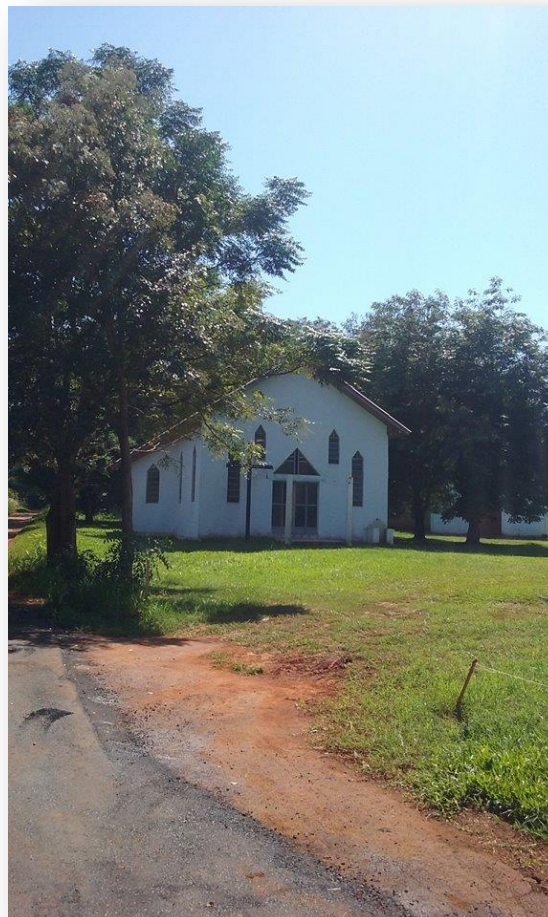
## 2. Descrição do contexto

A experiência de leitura, que apresentamos, faz parte dos desenvolvimentos do Projeto *Vivendo livros latino-americanos na tríplice fronteira* e está delimitada à descrição da experiência realizada na Escola Municipal do Campo Brigadeiro Antonio Sampaio (EMCBAS) com 6 alunos diagnosticados pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) com dificuldades de aprendizagem.

<sup>1</sup> Projeto registrado e desenvolvido na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Projeto financiado Universal – CNPQ 425119/2016-5.



Para tanto, o entorno rural em que está inserida a escola e os atores que a constituem serão brevemente descritos, pois é significativo pensar sobre Foz do Iguaçu como uma cidade fronteiriça e sobre a escola como um estabelecimento em contexto de campo. A referida cidade paranaense faz divisa com Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai), conformando a tríplice fronteira. Por seus atrativos turísticos e comerciais é um notável espaço de trânsitos: visitantes, comerciantes e imigrantes. Mas, para as pessoas que moram e trabalham nela, as sensações e vivências são outras. Nesse espaço geográfico se configura uma realidade cultural singular, pautada pela presença flutuante de cidadãos brasileiros, paraguaios e argentinos, além de indivíduos de outras nacionalidades. Encontra-se, ali, a segunda maior comunidade árabe do Brasil, que se dedica, principalmente, à venda de produtos importados em Ciudad del Este, um polo comercial que atrai empresários e pessoas em busca de tecnologia, perfumes, roupas, acessórios etc. A tríplice fronteira também é a terra do povo indígena Guarani, que não reconhece as fronteiras artificiais criadas pelos Estados-nação (BRIGHENTI, 2010). Inclusive, muitos dos territórios que outrora eram dos índios, hoje fazem parte do circuito turístico e de suas atividades comerciais, começando pelo próprio Parque Nacional do Iguaçu. Segundo números oficiais da Prefeitura, em Foz do Iguaçu, a população é de aproximadamente 296.000 pessoas e, nela, convivem 80 etnias, sendo que as mais representativas são oriundas do Líbano, China, Paraguai e Argentina.





A EMCBAS está localizada na zona rural do município de Foz do Iguaçu, no limite com o município de Santa Terezinha de Itaipu. Ela pertence ao Programa “Escolas de Campo”, por ser de pequeno porte e estar distante 30,7 km do centro urbano. Hoje a escola tem em torno de 40 alunos nos turnos matutino e vespertino. As salas de aula são multisseriadas e para cada uma das classes, há uma professora responsável. O percurso do centro da cidade até a escola demora uns 30 minutos de carro, sendo que a paisagem dos últimos 10 minutos não oferece outra coisa, senão milho e soja. Por meio do trabalho etnográfico na zona (onde a equipe Projeto trabalha 1 ou 2 vezes por semana), percebe-se que, dada a proeminência dos monocultivos, os habitantes conservam estoicamente as chácaras e as práticas de agricultura familiar. A baixa renda da comunidade local aliada às condições de trabalho que geram instabilidade promove uma mobilidade constante entre os países que compõem a região de fronteira e o consequente intercâmbio cultural e linguístico daqueles que frequentam a escola.

A comunidade do Alto da Boa Vista é constituída por uma igreja católica, um bar, um centro de convivência fechado, uma pequena “praça” com equipamentos para ginástica (Projeto da Prefeitura), poucas casas/chácaras distantes uma das outras e chão de terra. A partir de entrevistas coletadas em campo, as docentes caracterizaram os alunos com relação à profissão dos pais ou responsáveis, e por suas origens, da seguinte maneira: *“não, são paraguaios mesmo que vieram aqui, eles trabalham de chacareiros né, nas chácaras assim, cuidam das chácaras”* (DOCENTE 1<sup>2</sup>); *“mas a gente tem outro caso ali que é brasiguai mesmo, que os pais são brasileiros mesmo, moravam no Paraguai, e acho que a criança até nasceu no Paraguai”* (DOCENTE 2).

Levando este contexto em consideração, o Projeto começou por refletir acerca da importância de um espaço de leitura em uma escola em que o entorno não oferece oportunidades de acesso a objetos ou programas culturais. Além disso, haveria de considerar-se que a escola em questão é um espaço marcado pelo trânsito, que oferece a possibilidade de uma intensa troca de vivências pessoais e culturais e em que a oralidade é a prática predominante. Em outras palavras, a biblioteca deveria ser pensada também

<sup>2</sup> Os nomes dos atores envolvidos no projeto serão preservados.





como espaço desses encontros, que possibilitasse a valorização dos conhecimentos tradicionais e comunitários, e a confluência das vozes, histórias e costumes dos moradores da região. Uma biblioteca com essas características, no dizer de Boaventura de Sousa Santos (2010), seria propícia para fomentar uma “ecologia de saberes”.

## Objetivos

Na sequência do trabalho, em 2017, o Projeto pode trabalhar na estruturação do espaço físico do ambiente de leitura, a biblioteca, que recebeu o nome de “Biblioteca Escolar Valeria Mancio de Campos”, em homenagem à antiga diretora da escola. Posteriormente ao trabalho de estruturação do espaço físico, impôs-se outro desafio, a saber, propiciar práticas de leitura mais efetivas com os alunos que também acolhessem os docentes e inserindo propostas de reflexão sobre o espaço da biblioteca, o papel do mediador de leitura, a relação entre as possíveis obras do acervo e a identidade do campo e da fronteira, e, principalmente, visibilizar a importância da leitura em voz alta e compartilhada como meio de acesso ao letramento, já que se acredita nessa prática como importante agente no processo de socialização e transmissão culturais em contextos vulnerados.

5

## Fundamentação teórica

Entender a literatura como mediadora da visibilização cultural do campo e da fronteira pode ser um exercício bastante fértil, e o papel a ser desenvolvido pela biblioteca é aquele de promover práticas interculturais, como as propostas por Colomer (2008):

De modo que continua siendo aconsejable un cierto estado de alerta de los mediadores en la defensa de la función de estructuración y arraigo cultural ejercida por la escuela, de la manera que frente a la “cultura de aeropuerto y supermercado”, tal como se ha contraatacado, frente a la desestructuración organizativa y de pertinencia de los individuos en nuestras sociedades, resulta beneficioso que la biblioteca escolar tenga en cuenta la cultura o culturas en las que se inscribe para seleccionar sus fondos. (COLOMER, 2008, p. 397).



A leitura implica a produção e construção de sentidos, de “espaço de liberdade” (PETIT, 2001, p. 109) e construção ou (re) construção da própria subjetividade: “leer o recurrir a bienes culturales diversos, para encontrarse a si mismo, para reconocerse, para construirse o reconstruirse, no es la misma experiencia que leer para olvidar o para distraerse” (PETIT, 2001, p. 109). Nesse processo, o sujeito se forma como leitor em interação com o texto, com outros textos, com os outros em geral, a partir da sua própria história de leitor e de suas experiências de vida, também da possibilidade de disfrutar da história lida e compartilhada, expressando suas emoções e memórias. Considera-se, então, que o acesso às artes é fundamental para o processo de (re) conhecer as subjetividades, ao mesmo tempo em que é essencial, para isso, no âmbito escolar realizar um tipo de prática com a leitura (e as artes) que possibilite refletir sobre essas relações, sobre os sentidos apreendidos no texto e sobre os sentidos construídos e reconstruídos pelos sujeitos sempre inseridos e pertencentes a sua comunidade.

6

Com vistas a propiciar este espaço de valorização e construção de saberes, buscou-se entender a perspectiva teórico-metodológica que sustentaria tal experiência de leitura. Recorreu-se, pois, a reflexões em que a leitura em voz alta e compartilhada se tornassem eixo estruturante do trabalho, porque a hipótese era a de que essa prática permitiria compartilhar a leitura de um livro concreto, com sua linguagem sincrética, já que as obras trabalhadas caracterizavam-se como livro ilustrado, aquele em que há uma sinergia entre a palavra e a imagem para produzir sentidos.

Para justificar a opção de trabalho com os livros ilustrados contemporâneos é importante evidenciar algumas qualidades desses objetos, que são muitas, entre elas: a intertextualidade, a multiplicidade de vozes, a metaficção e principalmente a “sinergia” entre palavra e imagem (Sipe, 2010; Arizpe & Styles, 2003), que pode proporcionar aos alunos advindos de comunidades orais a aproximação com as narrativas escritas. Algumas experiências com as respostas de crianças a livros ilustrados (Farrell, Arizpe and McAdam, 2010; Arizpe & Styles, 2003) descrevem suas práticas em outro contexto, no caso o europeu ou norte-americano com grupos de variadas origens étnicas e, particularmente esse aspecto das propostas investigadas fundamentou a escolha dos



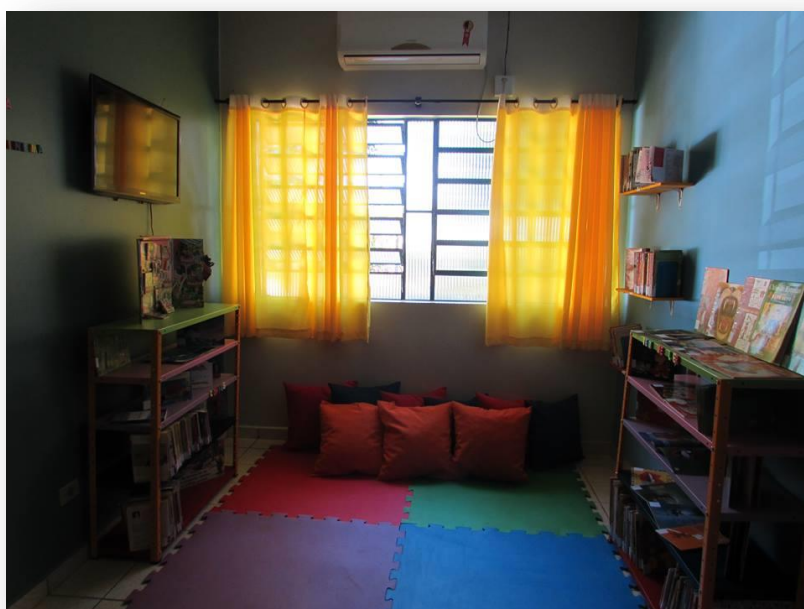
livros ilustrados como disparador das reflexões a partir da leitura em voz alta e compartilhada em ambientes multiétnicos.

A comunidade a ser trabalhada é composta por crianças que têm acesso à televisão, mas não, com frequência, a computador, cinema, jogos eletrônicos, livros ou bibliotecas etc. São crianças filhas de famílias que moram em chácaras de agricultura familiar ou que vivem do trabalho em agricultura intensiva, além disso por estar na fronteira, brasileiros, paraguaios e argentinos transitam nos espaços escolar, como já descrito e se confirma nas respostas da comunidade ao questionário aplicado no momento da inauguração da biblioteca.

## Metodologia

No processo de aproximação com a gestão da EMCBAS, a diretora propôs que o Projeto auxiliasse no trabalho com as crianças identificadas pela SMED com problemas de aprendizagem. Além das práticas com os demais estudantes<sup>3</sup>,

7



desafio como uma possibilidade de estar mais próximo dos alunos e de seus contextos. As docentes, então, selecionaram 6 alunos da escola (3º. a 5º. ano) com faixa etária entre os 8 aos 12 anos. O pedido da direção da escola veio em decorrência da localização da escola, que impedia o descolamento dos

<sup>3</sup> As atividades se desenvolveram com o grupo regular e com o grupo de 6 anos, este último será detalhado para este prêmio.



estudantes para frequentar as salas de educação especial ou apoio.

Na sequência, delimitou-se que o objetivo da atividade seria verificar como a leitura em voz alta e compartilhada de livros ilustrados podiam ser agentes de mediação no processo aprendizagem dos estudantes com dificuldades. Esta proposta pedagógica abriu caminhos para acolher estudantes advindo de espaços, nos quais a oralidade é predominante e a prática da leitura e da escrita está quase sempre restrita ao ambiente escolar. Como insiste Paulo Freire: “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (Freire, 2005, p. 8).

Depois de ler atentamente os diagnósticos elaborados pelo SMED, ponderou-se com cuidado que a avaliação se constitui como um documento, formulário “uniformizado e padrão”, utilizado para crianças oriundas de diferentes contextos, estabelecendo uma caracterização muito aquém do que se entende por leitor do mundo. Posto isso, a proposta pedagógica adotada foi aquela baseada no trabalho com a leitura de livros ilustrados e na análise das respostas das crianças em contexto de campo na EMCBAS. O intuito era entender como crianças desses contextos, com estímulos diferenciados e com pouco acesso a objetos culturais (livro, teatro, cinema, televisão, computador etc.) respondiam à leitura de obras literárias ilustradas. Paralelamente a isso, era propósito desenvolver no grupo de seis alunos as habilidades de leitura literária e entender como a literatura pode ser uma agente de mediação cultural e o espaço da biblioteca/leitura pode ser um ambiente de troca de saberes e construções de sentidos coletivas e, sobretudo, compreender como a experiência alteraria (ou não) a relação das crianças com a aprendizagem.

Ao longo do 2º. semestre de 2017 e dos meses março, abril e maio de 2018, a equipe do Projeto formada pela docente coordenadora, estudantes de graduação de diversas áreas – Letras, Antropologia e Serviço Social (bolsista de extensão, iniciação científica e voluntários) e os docentes da escola reuniam-se com os 6 alunos com atividades previamente elaboradas, que partiam de leituras de livros ilustrados com o intuito principal





de escutar os estudantes. Os encontros foram realizados no contraturno, com a frequência de uma vez por semana, por uma hora.

As etapas do trabalho foram:

1. Ler, entender e refletir sobre diagnósticos feitos pela Secretaria Municipal de Educação e pelas docentes;
2. Realizar novas atividades diagnósticas;
3. Propor atividades pedagógicas de escuta do processo dos estudantes;
4. Avaliar, por meio de registro filmagem, as respostas/diálogo surgidos ao longo da prática de leitura em voz alta e compartilhadas;
5. Reavaliar a participação dos estudantes no grupo regular.

## Resultados obtidos

Três atividades foram selecionadas com o intuito de refletir acerca de cada uma delas, tendo em vista as seguintes vozes: 1) papel do mediador; 2) contribuições das crianças interlocutoras e 3) o espaço como mobilizador do processo. As atividades estão descritas em ordem cronológica, pois essa organização garante o acompanhamento das crianças ao longo do tempo. Os registros foram realizados, por meio de filmagens e fotografias, além do diário de campo dos membros da equipe. Vale ressaltar que os procedimentos utilizados nas três atividades descritas foram repetidos, sempre com adaptações, nas outras obras lidas.

**Atividade 1 - A atividade foi realizada no dia 20/9/2017, com 6 alunos. Livro escolhido:** “O túnel”, de Anthony Browne, um dos mais consagrados autores de livros infantis da atualidade. O livro conta a história de dois irmãos que não se pareciam em nada. A irmã ficava dentro de casa, sozinha, lendo e sonhando. O irmão brincava com seus amigos, rindo e chutando, bagunçando e rolando. E os dois brigavam o tempo todo. Até que um dia encontraram o túnel, e tudo mudou.

A organização da atividade se deu da seguinte forma: em círculo os alunos escutaram a história lida em voz alta pela mediadora, a medida em que era realizada a leitura, foram



elaboradas perguntas que estimularam a interlocução em duas perspectivas: 1) construção do sentido da narrativa e 2) relações externas à leitura voltadas ao contexto de inserção dos alunos. Os objetivos da experiência eram identificar se as crianças reconheceriam as relações intertextuais com os contos tradicionais, e para a equipe era importante conhecer o universo de referência dos alunos, já que esta foi a segunda atividade realizada com o grupo. Assim, foi significativo o contato anterior à atividade em si, pois, enquanto os alunos chegavam à biblioteca, os mediadores começaram a perguntar o que havia na casa delas, as respostas relacionavam-se com frutas, árvores, animais, não houve qualquer referência a eletrodomésticos e eletrônicos como computador, tablet, televisão etc. Ainda, dado bastante relevante da conversa, foi ter a dimensão de que as crianças conheciam umas as casas das outras. Havia, portanto, a noção de vizinhança e comunidade.

Logo que todos já estavam na biblioteca, a leitura em voz alta começou. Num primeiro momento, a mediadora interrogou sobre a capa da obra e as antecipações possíveis da narrativa: o túnel - título, a menina - protagonista, o livro deixado ao lado - elemento desencadeador da história. Imediatamente, as crianças identificaram o universo ficcional: “ela vai entrar no túnel”, “vai encontrar coisas estranhas” etc. Já o ponto alto do diálogo com os alunos aconteceu no momento em que os personagens vão para uma floresta misteriosa, depois de passar pelo túnel. Nesta etapa, vieram





referências a castelo de bruxa, fantasmas, lobo, lobisomem etc., e por outro lado referências sobre o contexto do campo, como a identificação de uma das árvores ilustradas como aquelas em que as abelhas fabricam seus enxames.

Nesta experiência de leitura foi possível notar como o cotidiano e a vivência das crianças se tornam repertório para construir o sentido de uma obra e como as referências intertextuais aos contos tradicionais oferecem dados para que os leitores aproximem os dois mundos: o “real” e o ficcional. Esta foi a segunda experiência realizada, então é possível perceber alunos mais participativos e outros menos, além disso eles ainda tinham dificuldades para entender o espaço da biblioteca como um ambiente para compartilhar ideias. Eles não sabiam como sentar, como conter-se para ouvir as histórias e como buscar seu turno de fala. Houve bastante agitação, interrupção das falas, incomodo com as almofadas, tensão entre eles. Essa situação, a equipe entendeu como normal, e que o espaço da biblioteca e da leitura de histórias em voz alta vão aos poucos sendo incorporadas pelas crianças.

11

**Atividade 2** – Atividade realizada no dia 25/10/2017, com 3 alunos. **Livro escolhido:** “Nós”, de Eva Furnari, autora e ilustradora brasileira. O livro conta a história de Mel, uma garota que morava na pequena cidade de Pamonhas e vivia rodeada de borboletas, motivo pelo qual gerava brincadeiras por parte dos habitantes 'normais' da cidade. A principal temática da narrativa é a adaptação de uma personagem diferente. A organização da atividade se desenvolveu da seguinte maneira: os alunos se sentaram em círculo e receberam um tecido amarelo. A história foi lida em voz alta pela mediadora e foi combinado com as crianças, que a cada palavra nó lida, um deles ataria o tecido. Ao final da leitura, houve a discussão sobre por que a Mel (protagonista da história) tinha nós e como ela fez para desatá-los. Então, cada aluno contou uma história, em que tivessem ficado com um nó em sua garganta. Depois de contar e retomar suas memórias, desfizeram ataram laços no tecido.

Por meio da leitura em voz alta e da concretização dos sentimentos metaforizados no tecido, os objetivos da atividade foram propiciar espaços para a fala íntima e buscar a identificação com a protagonista. A equipe entendeu que já havia um contato com as



crianças e que seria possível criar esse espaço íntimo. Apenas três alunos participaram das atividades, pois estava frio e os alunos não compareceram à aula.

Inicialmente, a mediadora propôs a construção do sentido do título e explorou a ambiguidade da palavra (nós - pessoa, nós – objeto no plural). Os estudantes identificaram com mais rapidez o sentido de nós como “pessoas” e, em seguida, em uma experiência mediada, chegaram ao segundo sentido. Passaram, posteriormente para a leitura da capa da obra e identificaram a personagem principal e, neste momento, houve uma intervenção externa na leitura. Uma das estudantes fez a relação do sobrenome da autora Furnari com funerária. É importante esclarecer que ela estava bastante mobilizada, pois no final de semana anterior à atividade, havia ocorrido um velório no galpão ao lado da escola. Posteriormente à intervenção da aluna, as crianças conversam brevemente sobre o ocorrido, principalmente motivados em saber qual a relação deles com a pessoa que havia morrido, que era alguém importante para a comunidade. Em seguida, a mediadora buscou voltar para a leitura. Vale destacar que levados pela semelhança entre as palavras furnari e funerária foi possível a expressão das emoções. É pertinente também inferir, que as crianças começam a identificar o espaço da leitura como aquele em que se compartilham dúvidas de entendimento, dúvidas sobre a sequência e organização das narrativas, mas também suas emoções e as angústias. Entende-se neste evento a literatura como proposta humanizadora, nos termos postulados pelo crítico Antonio Candido, em sua obra “Direito à literatura” (1995).

12

Ademais, identificam-se as características da estudante, particularmente descrita, que quase sempre traz questões e comentários externos ao assunto tratado, sendo a morte e o trágico uma constante em suas intervenções. Nos primeiros encontros, a aluna permanecia mais quieta, para posteriormente tornar-se a participante mais assídua e colaboradora, sempre apresentando relações externas à obra, mas que de alguma forma abriam caminhos, para uma fala íntima e atenta para negociar sentidos e as relações entre os integrantes do grupo. Registra-se que o espaço de leitura criado é de negociações de saberes e as próprias crianças conduzem as reflexões e a sequência do trabalho. Finalmente, como forma de concluir a experiência, por meio do jogo proposto com os nós, as crianças foram estimuladas a contar quantos nós a Mel tinha, até chegar





ao nó na garganta. A mediadora interrogou se alguém já teve “nó na garganta e, novamente, a aluna retoma a morte: “meu avô morreu de nó na garganta”. A criança entra no mundo da ficção e se afasta do sentimento pessoal: “e a cabeça dele explodiu” e conclui “coitadinho dele”; a mediadora entra na brincadeira e repete: “coitadinho dele”.

No final da atividade, quando os alunos têm de desfazer os nós, os principais motivos aventados para o nó na garganta são: brigas em casa (entre irmãos e pais) e morte de animal de estimação (“galinha” – referência ao contexto de campo e cachorro).

Por meio da atividade, foi possível perceber a empatia das crianças com a protagonista e recuperar mais profundamente as memórias e emoções dos interlocutores.

**Atividade 3** – Atividade realizada no dia 18/4/2018, com 3 alunas. Livro escolhido: “Longe, muito longe”, de John Segal, autor e ilustrador norte-americano. A história conta a angústia de um porquinho que quer ir embora de sua casa. A mãe não se opõe, porém, interroga-o com relação ao que ele levará na viagem e, aos poucos o porquinho percebe que não tem motivos para viver em outro lugar.

A organização da atividade partiu da leitura em voz alta e com perguntas que tinham por objetivo a reflexão sobre si mesmo e sua relação com os objetos e emoções relacionadas a eles. A discussão foi conduzida a partir das perguntas: “Você iria embora de sua casa?” e “Por quê”, em seguida, por meio de um desenho de uma cesta em papel craft e de figuras geométricas coloridas feitas em papel, os alunos tinham que dizer o que levariam na cesta, caso fossem embora de casa, e justificar a escolha do objeto. Responder a essa pergunta, dimensionaria o valor afetivo do objeto e oportunizaria o espaço para a fala íntima.

Durante a leitura, foi possível observar que as crianças estavam bem mais à vontade na atividade, já conheciam a equipe e a forma como organiza as práticas, por isso as estratégias de leitura em voz alta e compartilhada já eram esperadas. O espaço da biblioteca é conhecido em suas dimensões e apropriado pelos sujeitos, eles estão mais acomodados e tranquilos. Nota-se que as respostas são mais assertivas e rápidas, os estudantes que participam desta experiência indicam que já conhecem a história e já a



antecipam: “É a história de um porquinho”, “Tem alguma coisa de chocolate”, “Você já contou esta história”.

Destacando a participação de uma das alunas, calada e muito introvertida no início dos trabalhos, já demonstra tranquilidade e cria situações de intervenção com ironia e humor. Ela faz parte de uma família de 10 irmãos, nasceu no Paraguai e alguns de seus irmãos mais velhos vivem lá. Quando chegou à EMCBAS teve muita dificuldade de socialização, é a aluna mais velha da turma, 12 anos e com diagnóstico de defasagem de aprendizagem, quando solicitada a participar havia reiteradas negativas, mas aos poucos o vínculo com a leitura e com a equipe foi estabelecendo-se. Num primeiro momento foi passado para a equipe que a aluna não sabia ler e escrever: “não estava alfabetizada”, porém com ações tímidas a equipe foi percebendo que ela sabia o título dos livros e as histórias sem que nunca essas tivessem sido contadas, ou seja, ela lia mas não revelava. A equipe tentou uma aproximação em língua espanhola, contudo houve total rechaço pela criança. O processo que pode ser verificado na interlocução da estudante pontua como é possível criar um ambiente de cumplicidade mediado pela leitura e pela escuta dos sujeitos envolvidos:

*Mediadora (M): “você já teve vontade de ir embora de casa” / Aluna (A): “Já”/ M: “Por quê?”/ A: Porque tudo o que acontece lá em casa sou eu./Aluna (A2): Igualzinho lá em casa....*

A mediadora não continua o questionamento e interroga outra criança:

*M: “E você já teve vontade de ir embora de casa?”/Aluna (A3): “Não”/ M: Não tem vontade de ir embora/A: Deixa.... quando você ficar mais velha você vai entender...*

Sem ater-se ao conteúdo propriamente, o que se releva no diálogo é o lugar da fala conquistado pela estudante, inclusive colocando-se no lugar daquele que é mais velho e tem experiência. Isso demonstra que foi criando vínculo com os colegas e com a equipe que lhe permite o lugar de fala. Sua mudança de postura foi percebida também nas aulas regulares com o grupo maior. Ali, a aluna adquiriu outro status, não mais o de “vítima” sem possibilidade de fala e espaço. Inúmeras vezes causava tensão e opressão na



relação com os colegas. É certo que ainda apresenta dificuldade na leitura de textos e exposição de seus argumentos, porém já demonstra possibilidade de expressão e organização de ideias.

### Considerações finais

A prática de compartilhar universos ficcionais pode proporcionar muita cumplicidade entre os envolvidos e estimular a interlocução de momentos, nos quais se deseja perguntar, ou dão vontade de falar e, talvez, façam rir ou chorar e, sobretudo, se possa por meio do contato com o “outro” constituir-se como sujeito (Petit, 2001, 2008, 2009). Esses momentos de reflexão e de emoção também ensinam a aproximação e revelam quem são os sujeitos da experiência de leitura.

Para a experiência descrita no cerne do Projeto de pesquisa-ação *Vivendo livros latino-americanos na tríplice fronteira*, o conjunto de práticas de leitura realizadas abriu caminhos para acolher estudantes advindo de espaços alheios ao universo letrado. Assim, por meio do espaço destinados aos livros (a biblioteca), do acervo literário, das práticas de leitura e do empenho da equipe conformada pelos atores da universidade e os pertencentes à comunidade escolar, foi possível propiciar um ambiente de aproximação de crianças identificadas com dificuldades de aprendizagem com o universo literário e proporcionar um ambiente favorável para que pudessem superar o “estigma” do excluído do grupo.

O movimento inicial tinha por objetivo que os alunos se apropriassem do espaço da biblioteca, que a utilizassem não exclusivamente em momento pensados para isso, mas que com autonomia pudessem sentir interesse como sujeitos preparados para estes encontros. Para atingir esse propósito, a presença da equipe com propostas de leitura em voz alta e compartilhada criou pontes entre a crianças e as obras de literatura e procurou despertar a curiosidade e criatividade, abrindo espaços para a construção do universo ficcional, das empatias, das antipatias etc. com o intuito de que olhando os outros, fossem (re) conhecendo-se. Especificamente, o grupo dos 6 alunos acompanhados mais de perto ofereceu subsídios para verificar o cumprimento dos objetivos propostos. Destaca-se, por



um lado a mudança de postura dos alunos em relação a conquista de espaços para a exposição de argumentos e organização de ideias e, de outro a compreensão do momento de leitura literária como um espaço para pensar sobre si e refletir sobre suas memórias e sentimentos. A experiência ainda confirmou a importância da valorização dos saberes distintos e do compartilhamento de ideias na construção de sentidos.

**Contato:** [viviendolivroslatinoamericanos@gmail.com](mailto:viviendolivroslatinoamericanos@gmail.com)

**Facebook:** <https://www.facebook.com/vivendolivroslatinoamericanos/>

**Youtube:** [https://www.youtube.com/watch?v=ojr4gEt1l80&fbclid=IwAR2ZZO-4XGkPbXpBmgY7PSp4ijwwYCIChdaiUheZndjNsT1bwFNMREWS\\_rE](https://www.youtube.com/watch?v=ojr4gEt1l80&fbclid=IwAR2ZZO-4XGkPbXpBmgY7PSp4ijwwYCIChdaiUheZndjNsT1bwFNMREWS_rE)





## Referências Bibliográficas

Browne, A. (2015) O Túnel, Rio de Janeiro: Pequena Zahar

Arizpe, E. Styles, M. (2003). “¿Cómo se lee una imagen? El desarrollo de la capacidad visual y la lectura mediante libros ilustrados”. En *Literatura y vida: Revista Latinoamericana de lectura*, año 23, marzo de 2002.

Brighenti, C. (2010) *Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados Nacionais*. Florianópolis: EdUFSC; Chapecó: Argos.

Candido. A (1995) *O direito à literatura. Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.

COLOMER, T. (2008) La constitución de acervos. In: Rius, E, Halfon, D & Lizarazu, R (Coord.). *Bibliotecas y Escuelas: retos y posibilidades en la sociedad del conocimiento*. México, Editorial Océano.

Farrell, M; Arizpe, E, McAdam, J. (2010)"Journeys across visual borders: Annotated spreads of *The Arrival* by Shaun Tan as a method for understanding pupil's creation of meaning through visual images"

Freire, P.(2005) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Furnari, E.(2003) *Nós*, São Paulo, Moderna.

Petit, M. (2009) *A arte de ler como resistir à adversidade*. Traducción de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editorial. 34.

\_\_\_\_\_. (2001) *Lecturas del espacio íntimo al espacio público*. Traducción Miguel Paleo, Malou Paleo, Diana Luz Sánchez, Bosques del pedregal.

\_\_\_\_\_. (2008) “Un espacio de encuentros singulares: voces de lectores y bibliotecarios. Rius, E, Halfon, D & Lizarazu, R (Coord.). *Bibliotecas y Escuelas: retos y posibilidades en la sociedad del conocimiento*. México, Editorial Océano.

Rabey, K. “Pensar en voz alta” in Arizpe, E & Styles, M. *Lectura de imágenes: Los niños interpretan textos visuales*. (2004 – traducción)

Publicación de la Maestría en  
Literatura para niños. Res.  
CONEAU n° 808/14.  
Facultad de Humanidades y  
Artes. UNR

Aquelarre. Revista  
de Literatura  
Infantil y Juvenil



ISSN 2469-0414

Santos, Boaventura de Souza. Descolonizar el saber, reinventar el poder. Montevideo: Trilce, 2010.

Segal, J. Longe, muito longe, São Paulo, PlanetBook, 2013.